

# Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

## Estudo 6 – Uma vida cristã autêntica

### Mateus 6. 1-4; 16-18

Elaborado por Ana Maria Suman Gomes  
[anasuman@pibrj.org.br](mailto:anasuman@pibrj.org.br)

Chegamos ao capítulo 6 do Sermão do Monte. Na verdade, não houve interrupção no que Jesus ensinava no capítulo 5, mas aprofundamento na direção de explicar aos discípulos que havia **diferença de essência** na comparação entre atos de justiça praticados por escribas e fariseus e aqueles que seriam demandados dos comprometidos com Jesus Cristo.

O capítulo que hoje temos diante de nós, pode ser mais bem compreendido se pensarmos que o assunto está dividido em **duas partes**. Os vv **1-19** apresentam a nossa **vida religiosa**, a **cultura e nutrição da alma**, a **nossa piedade, adoração**. Fala de tudo aquilo que diz respeito ao nosso relacionamento com o Senhor. Já os últimos versículos (**19-34**) mostram o crente na sua **relação com a vida em geral**: vestuário, alimentação, abrigo, família para cuidar e etc.

No versículo 1, temos o princípio geral que governa toda a vida do crente. Isto porque, quando analisamos a vida religiosa de uma pessoa, identificamos **três** segmentos bem delineados: **a forma como eu dou esmolas ou pratico atos de justiça, a natureza da minha vida de oração e contato com Deus e a maneira pela qual eu mortifico, com algum propósito, a minha carne**. Para exemplificar o que desejava ensinar, Jesus apresentou **três ilustrações**: **dar esmolas** no sentido de servir ao próximo e ao necessitado; **orar**, que aponta para a busca da face de Deus e o reconhecimento da dependência dEle e, por último, **jejuar** que serve de exemplo para modo de

autonegação e autodisciplina. Nesta oportunidade nos ocuparemos da primeira e terceira ilustrações.

O texto é bem claro: ‘Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens, para **serdes vistos por eles**; aliás, não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos céus.’ Na questão das esmolas ou dos atos de justiça ou de misericórdia, o foco não é no que a mão está fazendo, mas na **motivação que a leva a fazer**. Há, aqui, três possibilidades: louvor dos homens, louvor individual (com a preservação do anonimato) e desejo de aprovação do Pai Celestial.

O que Jesus mostra, então, é que podemos agir da **forma certa** ou da **forma errada**. Vejamos alguns

exemplos: - “não vou dizer quantos alunos eu tenho...mas o Senhor precisa ser glorificado, então...”;  
- não vou dizer quantos doentes eu visitei...mas o Senhor precisa ser glorificado, então...;  
- não vou dizer quantos se converteram com meu sermão...mas o Senhor precisa ser glorificado, então...

Sim, amado ouvinte, às vezes agimos de forma bem sutil. E Jesus **condenou** este procedimento. Ao fazê-lo, apresentou a forma **correta** de proceder:

A leitura do texto nos faz compreender que não devemos anunciar para outros o que temos feito. Agora, e para nós mesmos? Sabemos que a mão direta é o símbolo da mão da ação. Não devemos sequer contar para nós mesmos. Não

devemos ser autoconscientes da nossa esmola.

Bonhoeffer diz que, “com a frase ‘ignore a tua esquerda o que faz a tua direita’ proclama-se a morte do velho homem.” O egocentrismo pertence à vida do velho homem. A ordem é esquecer da oferta. Lloyd-Jones acrescenta: “sob hipótese nenhuma mantenhamos registro dessa natureza: não conservem qualquer livro-razão de vitórias espirituais; não mantenham escrituração de lucros e perdas espirituais em suas vidas; não escrevam qualquer diário sobre essas coisas. Esqueçam-se de tudo.”

Alguns dos ouvintes sabem que eu sou filha de pastor. Recentemente, fui convidada para uma solenidade que pretendia homenagear a memória de meu pai. Algumas pessoas falaram, cantamos e, por fim, o pastor da Igreja que prestava a homenagem e onde meu pai havia pastoreado no início do ministério dele, em 1947, contou para os presentes uma experiência que era completamente desconhecida da minha família.

Aconteceu há 60 anos. Uma senhora da igreja adoeceu gravemente e precisou ser operada. Ela morava em uma comunidade bem no alto de um dos morros da cidade e, quando saiu do hospital, meu pai foi visitá-la. Encontrou a porta entreaberta e uma casa pequena mas muito necessitada de limpeza, em função da doença da senhora. Meu pai, então, perguntou pelo marido dela e soube que havia descido à feira, para tentar vender alguns objetos para ter como comprar remédios. O que fez ele? Desapareceu. Sim, deixou a senhora lá e desceu. Alguns minutos depois, voltou e começou a trabalhar: varreu a casa, lavou a louça acumulada, preparou um alimento quente e, por fim,

medicou a senhora. Havia ido comprar os remédios.

Após certificar-se de que a senhora estava bem, foi à feira e procurou o marido dela. Logo disse: meu irmão, vá ficar com a sua esposa. Os remédios foram providenciados e ela já se alimentou.

Ao ouvir aquele relato, fiquei muito emocionada. Perguntei aos meus irmãos se conheciam aquele episódio. Nenhum deles jamais ouvira aquele relato. Depois, procurei a minha mãe que ficou tão surpresa como eu estava. Apesar de bem tagarela, meu pai nunca havia mencionado aquela ação. Por quê? Conhecendo bem o entusiasmo do meu pai pelo trabalho de Deus, só tenho uma resposta: ele nunca se lembrou daquilo. Penso, meus amados ouvintes, que esta é a forma como Jesus desejou que agíssemos.

Mas precisamos nos apressar na direção dos versículos 16 a 18, que falam do **terceiro** ato de justiça. O segundo ato veremos no próximo encontro. Agora Jesus vai ensinar sobre o **jejum**.

A prática do jejum era comum desde os dias do AT: (Carter). Confira em Ne 1,4; Dn 9,3. Stott acrescenta que, tais ocorrências no AT tinham alguns significados diferentes. Ex.:

- às vezes era expressão de **penitência por pecados passados**. (Ne 9, 1 e 2; Jn 3,5; Dn 9,2ss e 10, 2ss).
- era também expressão da **dependência dEle para misericórdia futura**: (Ex 24,18; 2 Cr 20,1ss; Et 4,16; Ed 8,21)

Stott lembra que os fariseus jejuavam duas vezes por semana (Lc 18,12). João Batista e os discípulos jejuavam com frequência (Lc 5,33). Os discípulos de Jesus, com ele vivo, não jejuavam. (Mt

9,15). Jesus mesmo jejuou por 40 dias e por 40 noites. (Mt 4,1-11).

· Sobre as instruções de Jesus, Lloyd-Jones nos ajuda a partir de princípios gerais. É a procura pela resposta às seguintes questões: **no que consiste o jejum? Qual é o seu propósito?** Após discorrer longamente sobre o assunto ele conclui: **Jejuar é abster-se completamente de qualquer coisa legítima em si mesma, tendo em vista propósito espiritual especial.**

### **Há certas maneiras erradas de jejuar:**

· Fazê-lo de maneira mecânica, apenas com a finalidade de jejuar.

· Há pessoas que jejuam porque esperam resultados diretos e imediatos no jejum, como se fosse **moeda de troca**. Tais pessoas se esquecem de que as bênçãos de Deus jamais serão automáticas. **Agir assim é insultar a Deus.**

· Confundir espírito com físico. Aqui temos os jejuns prolongados que certamente acarretam certas reações do físico que são confundidas com reações espirituais.

· Jejuar apenas porque alguém da igreja convocou jejum para tal dia. Não devemos jejuar mecanicamente.

· Devo jejuar apenas quando percebo que estou sendo guiado pelo Espírito Santo nessa direção. Jamais jejuar somente em harmonia com alguma regra ou rotina e sim porque sinto que há alguma necessidade de concentrar a inteireza do meu ser na adoração, na busca de uma orientação específica, na intercessão.

### **Qual seria a maneira certa de jejuar?:**

· o jejum não deve envolver um esforço distorcido. Quando jejuar, faça-o de maneira natural.

· esqueça-se inteiramente das outras pessoas.

· que a nossa preocupação seja somente com Deus e como agradá-Lo em tudo. Que Deus nos permita fazer qualquer coisa exclusivamente para a Sua honra e glória.

Para concluir, dizemos: a análise desses **dois atos** mostra que a **única** coisa que importa é que a nossa relação com Deus esteja correta e que o nosso objetivo seja agradar ao Senhor. Se esta for a nossa preocupação, poderemos deixar o restante sob Seus cuidados.

### **Apoio Bibliográfico:**

CARTER, Warren. O Evangelho de São Mateus – Comentário Sociopolítico e Religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus. 2002

CHOURAQUI, André. Matyah – O Evangelho Segundo São Mateus. Rio de Janeiro: IMAGO. 1996

DAVIDSON, F. editor. O Novo Comentário da Bíblia – vol. II. São Paulo: Vida Nova, 1987.

LLOYD-JONES, Martyn. Estudos no Sermão do Monte. São José dos Campos: Fiel. 1999

STERN, David. Comentário Judaico do Novo Testamento. Belo Horizonte: Atos. 2008

STERN, David. O Novo Testamento Judaico. São Paulo: Vida. 2007

STOTT, John R.W. A Mensagem do Sermão do Monte. São Paulo:ABU-Editora. 1993

TASKER, R.V.G. Mateus. Introdução e Comentário. São Paulo: Mundo Cristão. 1988